

## Atratividade Física Facial e Prognóstico<sup>1</sup>

Sadao Omote<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista, Marília

**RESUMO:** Esta investigação foi realizada com o propósito de estudar a relação entre a atratividade física facial e o prognóstico de crianças deficientes. 50 estudantes universitárias, todas do sexo feminino, receberam fotografias de crianças de diferentes níveis de atratividade facial, com a informação de que eram deficientes auditivas que estavam recebendo um tratamento especializado. A tarefa dos sujeitos consistia em indicar a criança, de um conjunto de 3, que poderia obter melhor progresso no tratamento especializado. Os resultados mostraram que o prognóstico favorável ocorreu mais frequentemente para crianças atraentes do que para as não atraentes.

**Palavras-chaves:** atratividade facial; prognóstico; educação especial.

## Physical Attractiveness and Prognosis

**ABSTRACT:** This research aimed at studying the relationship between physical attractiveness and prognosis of disabled children. Fifty female undergraduates received pictures of children varying in physical attractiveness, and were informed that they were hearing impaired children enrolled in a special program. The subjects were asked to point out one child out of three whom they thought would benefit the most from the program. The results showed that favorable prognosis was given more frequently to attractive children than unattractive ones.

**Key words:** physical attractiveness; prognosis; special education.

No campo da educação especial, vêm surgindo, nos últimos anos, crescentes discussões sobre questões sociais relacionadas a deficiências. No estudo das deficiências não mais são consideradas apenas as limitações decorrentes de algo que falta ou não funciona bem no organismo da pessoa deficiente. Aliás, os profissionais e estudiosos da área vêm, há muito tempo, apontando que a natureza da deficiência é bio-psico-social.

Os estudiosos da área de educação especial vêm apontando a influência dos fatores do meio social sobre o funcionamento da pessoa deficiente. Esta pode ver-se “aprimorada numa rede ... constituída e constitutiva das barreiras atitudinais: preconceitos, estereótipos e estigma” (Amaral, 1995, p. 69). Essa rede não guarda relação intrínseca com as condições geradoras da deficiência e das quais o deficiente é portador, mas depende da leitura social, como bem apontou Amaral.

A decisão do que deve ser considerado deficiência, em diferentes contextos sociais, depende de critérios a serem adotados. A escolha desses critérios depende de variáveis e forças do meio social onde há interesse em identificar as deficiências. Portanto, trata-se de uma questão antes política que médica, psicológica ou educacional (Omote, 1994a).

Assim, os discursos sobre as deficiências não são exatamente retratos delas mas, antes, retratos de como elas são interpretadas por aqueles que sustentam tais discursos (Omote, 1993b).

Algumas importantes mudanças ocorreram na maneira de se encarar o diagnóstico da deficiência, o funcionamento da pessoa deficiente, a prescrição de serviços especiais e os resultados obtidos de atendimentos especializados. Em todas essas questões, além do atributo anátomo-fisiológico-psicológico do deficiente, passou a ser levado em conta, cada vez mais, o contexto de relações sociais e interpessoais onde está inserido o deficiente. Daí, autores como Bartel e Guskin (1980), Erikson (1962) e Hepburn (1975) apontaram que a variável crítica no estudo das deficiências é a audiência que reconhece e trata alguém como deficiente.

A deficiência manifestada por uma pessoa só pode ser adequadamente compreendida, se levar em conta esse contexto social que interpreta de uma determinada maneira o conjunto de características da pessoa percebida como deficiente e cria determinadas condições para o funcionamento dela. Portanto, a mesma pessoa pode funcionar diferentemente, como deficiente, em diferentes contextos de relações sociais e interpessoais. Nessa medida, condições que aparentemente não mantêm nenhuma relação direta com a deficiência podem tornar-se variáveis críticas no diagnóstico, na prescrição de serviços especializados e até no prognóstico.

Os estudiosos da percepção e relações interpessoais têm investigado com muito interesse a aparência física da pessoa como um importante determinante dos julgamentos que se fazem acerca dela e das relações que se mantêm com ela.

1 Este estudo foi relatado como parte do Capítulo 4 da Tese de Livre-Docência *Atratividade Física Facial: Percepção e Efeitos sobre Julgamentos*, defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, em 1992.

2 Endereço: Departamento de Educação Especial, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Caixa Postal, 420, 17525-900 Marília SP, E-mail: omote@crisstorei.com.br

Alguns estudos serviram para investigar os efeitos da vestimenta (Rosa & cols., 1989; Santos & cols., 1989; Steffensmeier & Terry, 1973) ou adereços como brinco, colar e maquiagem (Otta & cols., 1989), usados por uma pessoa, sobre julgamentos acerca dela.

Atenção maior dos investigadores dessa área tem recaído sobre a face, podendo-se destacar estudos da direção do olhar, tamanho da pupila, expressão facial de emoções, assimetria de expressão facial, reconhecimento da face e atratividade facial. Dentre vários aspectos da aparência, o nosso interesse recaiu sobre a atratividade física facial (AFF), isto é, os efeitos desta sobre julgamento de competências da pessoa, incluindo a própria percepção de deficiências.

Na literatura especializada, a AFF é avaliada a partir de julgamentos feitos por um grupo de juízes ou pelos próprios sujeitos experimentais. O procedimento básico dessa avaliação consiste em classificar um certo número de fotografias em função do grau de atratividade facial, obedecendo a critérios pessoais de cada juiz ou sujeito. A partir dessa classificação são selecionadas as fotografias de faces com diferentes graus de atratividade facial para serem utilizadas como estímulos em experimentos.

Podem ser encontrados alguns estudos que procuraram identificar atributos responsáveis pela atratividade física facial, através da importância relativa de cada parte que compõe a face (Cross & Cross, 1971; Kleck, Richardson & Ronald, 1974; Terry & Davis, 1976) ou da configuração global da face (Omote, 1993a; Perrett, May & Yoshikawa, 1994). Entretanto, como o interesse dos estudiosos tem recaído principalmente sobre os mais variados aspectos das relações e percepções interpessoais, a questão como "que é face atraente?" não tem recebido muita atenção.

Quando iniciei os meus estudos nessa área, foram realizadas pesquisas para estabelecer procedimento de avaliação da atratividade física facial de crianças de ambos os sexos, aparentando idade cronológica em torno de 7 a 10 anos, a partir de suas fotografias (Omote, 1991a). A partir dessa avaliação, foram selecionados seis grupos de fotografias, sendo 3 de meninos e 3 de meninas, correspondendo a alta atratividade (AA), atratividade moderada (AM) e atratividade baixa (AB), e a eficácia dessas fotografias como estímulos foi demonstrada (Omote, 1991b). Além disso, foi realizado um estudo para examinar a fidedignidade intra-sujeito, intragrupo e intergrupar na avaliação da AFF, constatando-se que o fenômeno sob estudo apresentava estabilidade temporal e generalidade (Omote, 1994b).

Um estudo evidenciou que as crianças com baixa atratividade física facial (AFF) podem ser percebidas como sendo portadoras de alguma deficiência mais facilmente que as crianças com alta atratividade (Omote, 1993/1994). Os efeitos da atratividade podem continuar operando nas relações sociais dessas crianças, mesmo depois de terem sido percebidas como deficientes, e eventualmente encaminhadas a serviços especializados destinados a deficientes.

Dependendo da natureza dos serviços especializados, os alunos atraentes podem ser mais freqüentemente encaminhados que os alunos não atraentes. O estudo realizado por

Barocas e Black (1974) evidenciou que alunos atraentes haviam sido encaminhados a serviços especializados, motivados principalmente por problemas de fala e de leitura, mais freqüentemente que os alunos não atraentes. Esses serviços parecem ser relativamente pouco estigmatizantes e parecem poder ser considerados como sendo educacionalmente úteis, capazes de auxiliar os alunos a superarem alguma dificuldade na escola.

Esse tipo de encaminhamento pode também estar baseado na suposição de que alunos atraentes têm mais condições de tirar proveito dos serviços especiais que alunos não atraentes. Um estudo realizado no contexto clínico, por Barocas e Vance (1974), evidenciou a existência de uma relação direta entre a AFF de clientes de um serviço de aconselhamento e o prognóstico feito pelos conselheiros. Os clientes atraentes tinham prognóstico mais favorável que os clientes não atraentes.

Um outro estudo, realizado por Cash, Kehr, Polyson e Freeman (1977), mostrou que a previsão de um futuro feliz ou infeliz, com poucos ou numerosos problemas, feita por estudantes universitários, após ouvir uma entrevista gravada, estava positivamente correlacionada à atratividade da fotografia que era apresentada como sendo a da pessoa entrevistada. Havia duas versões de entrevistas: uma sugeria que a pessoa entrevistada era bem ajustada e a outra, bem desajustada. A ocorrência da correlação positiva entre a atratividade e a previsão do futuro feliz não dependeu da natureza do conteúdo da entrevista gravada, isto é, o ajustamento ou o desajustamento da pessoa entrevistada.

Esses estudos apontam que as previsões de resultados futuros também podem ser influenciadas pela atratividade física facial. Pode estar operando, aí, a associação que as pessoas podem fazer entre a AFF e a capacidade de tirar proveito das oportunidades. Talvez por isso as crianças mais atraentes tivessem sido encaminhadas a serviços especializados mais freqüentemente que as menos atraentes, segundo revelou o estudo de Barocas e Black (1974), ao menos com relação a serviços que não eram tão estigmatizantes, como classes especiais para deficientes mentais.

A avaliação do resultado de um tratamento especializado parece também depender da AFF do cliente. Shapiro, Struening, Shapiro e Barten (1976) estudaram algumas variáveis correlacionadas à percepção da melhora em pacientes que estavam em tratamento psicoterápico. Esses autores demonstraram a existência de correlação positiva significativa entre a melhora percebida no paciente e a atratividade dele, segundo a avaliação dos terapeutas, bem como entre a melhora percebida no paciente e a atratividade do terapeuta, segundo a avaliação dos pacientes. Os terapeutas perceberam maior progresso na terapia de pacientes atraentes que na de pacientes menos atraentes. Similarmente, os pacientes perceberam um melhor progresso na terapia deles próprios, quando avaliavam os seus terapeutas como atraentes do que quando os avaliavam como menos atraentes.

O estudo relatado a seguir teve o propósito de verificar a relação entre a AFF de crianças submetidas a um tratamento especializado e a previsão de resultados desse atendimento.

## Método

### Sujeitos

Participaram como sujeitos 50 estudantes, todas do sexo feminino, sendo 25 do 3º ano de pedagogia, alunas da Habilitação em Educação Especial, e 25 do 1º ano de fonoaudiologia. A idade dos sujeitos variou de 18 a 56 anos, com a média de 22 anos.

### Material

Foram utilizadas 15 fotografias de meninos e 15 de meninas. A atratividade física facial das crianças dessas fotografias havia sido avaliada e testada previamente (Omote, 1991a e 1991b). Eram as mesmas fotografias utilizadas no estudo anterior sobre a relação entre a AFF e percepção de deficiências. Para cada sexo, cinco fotografias eram de atratividade alta (AA), cinco de atratividade moderada (AM) e cinco de atratividade baixa (AB). Foi também utilizado um caderno de questões contendo três folhas, construído especificamente para a presente pesquisa. A inteligibilidade das instruções para execução das tarefas solicitadas nesse caderno foi testada informalmente com algumas estudantes universitárias dos mesmos cursos frequentados pelos sujeitos. Tais tarefas, informadas nas três folhas desse caderno, estão descritas adiante.

### Procedimento

Os sujeitos foram introduzidos na sala preparada para esse fim, em grupo de cinco, mas realizaram as tarefas individualmente. Inicialmente, receberam a primeira folha do caderno de questões, onde constava convite para participar de uma pesquisa sobre percepção de pessoas e instruções sobre as tarefas que a seguir realizariam. Essas instruções informavam que as crianças, cujas fotografias receberiam em seguida, sofriam de uma perda moderada da audição e, em consequência, apresentavam alterações expressivas na linguagem oral, razão por que estavam recebendo tratamento fonoaudiológico. A tarefa solicitada aos sujeitos era a de examinar as fotografias dessas crianças e indicar qual delas teria o melhor resultado no tratamento fonoaudiológico. Os sujeitos eram informados de que executariam essa tarefa duas vezes: uma vez com fotografias de três meninos e outra vez com fotografias de três meninas. Após a leitura dessas instruções, os sujeitos preencheram um quadro de informações, constante dessa primeira folha, onde eram solicitados alguns dados de identificação de cada sujeito. Terminada a tarefa desta primeira folha, os sujeitos receberam a segunda folha, juntamente com três fotografias de meninos ou de meninas, sendo uma fotografia AA, uma fotografia AM e uma fotografia AB. A tarefa dos sujeitos consistia em identificar a criança, dentre as três cujas fotografias acompanhavam a segunda folha, que poderia obter o melhor progresso no tratamento fonoaudiológico, anotando no espaço próprio o número que identificava a fotografia dessa criança. Terminada essa tarefa, a folha e as três fotografias eram recolhidas e entregue ao sujeito a terceira folha acompanhada de foto-

grafias de crianças do sexo oposto, sendo uma de cada nível de AFF. A tarefa a ser executada era a mesma da segunda folha. Os cadernos de questões foram previamente montados e colocados numa ordem tal que sujeitos de número ímpar examinavam primeiro as fotografias de meninos e depois as de meninas, e os sujeitos de número par realizavam as tarefas na ordem inversa. Além disso, tomou-se o necessário cuidado para que cada fotografia fosse examinada por um número aproximadamente igual de sujeitos.

## Resultados e Discussão

Cada sujeito escolheu uma fotografia de menino e uma de menina como sendo de crianças que obteriam melhor resultado no tratamento fonoaudiológico. Os resultados encontrados e apresentados na Tabela 1 indicam, portanto, o número de vezes que as fotografias de cada nível de AFF foram escolhidas por estudantes de educação especial e de fonoaudiologia. O exame da Tabela 1 mostra que, tanto para os meninos quanto para as meninas, as escolhas dos sujeitos de educação especial e dos de fonoaudiologia ocorreram mais frequentemente para as fotografias AA, seguidas de AM e, por último, de AB. Os resultados apresentados pelo grupo de estudantes de educação especial são bastante semelhantes aos dos do grupo de estudantes de fonoaudiologia. A pequena diferença entre esses grupos está longe de ser estatisticamente significativa tanto para as fotografias de meninos ( $\chi^2 = 3,270$ ; *g.l.* = 2; *p* > 0,05) quanto para as de meninas ( $\chi^2 = 0,259$ ; *g.l.* = 2; *p* > 0,05). Portanto, os dados desses dois grupos foram reunidos num só conjunto, como pode ser visto nas duas últimas colunas da Tabela 1, para fins de análise estatística.

Dos 50 sujeitos, 26 apontaram as fotografias AA, 19 as fotografias AM e cinco as fotografias AB, de meninos, como sendo da criança que, dentre as três apresentadas, poderia obter o melhor progresso no tratamento fonoaudiológico; para as fotografias de meninas, 28 sujeitos escolheram as fotografias AA, 17 as fotografias AM e cinco as fotografias AB. Analisando esses resultados através do qui-quadrado, foram obtidos os valores 13,693 (*g.l.* = 2; *p* < 0,01) e 15,849 (*g.l.* = 2; *p* < 0,001), para as fotografias de meninos e as de meninas, respectivamente. Esses valores de qui-quadrado, estatisticamente significantes, mostram que o nível de atratividade física facial das crianças influenciou a previsão de resultados de um atendimento especializado, levando os sujeitos a preverem um prognóstico favorável mais frequen-

Tabela 1 - Frequência de escolha de fotografia de cada nível de AFF como sendo a da criança com o melhor prognóstico

AFF	Educação Especial		Fonoaudiologia		Total	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
AA	12	14	14	14	26	28
AM	12	08	07	09	19	17
AB	01	03	04	02	05	05
Total	25	25	25	25	50	50

temente para as crianças mais atraentes que para as menos atraentes.

A atratividade física facial influenciou a previsão de resultados de atendimento especializado, feita por sujeitos que eram estudantes universitários e portanto não tinham nem conhecimentos especializados nem a prática para lidar com situações onde previsões daquela natureza são feitas. Entretanto, mesmo os profissionais qualificados parecem não estar imunes a tal efeito, como sugeriu o estudo de Barocas e Vance (1974).

No estudo realizado por Barocas e Vance (1974) os sujeitos fizeram a previsão de resultado de aconselhamento psicológico de clientes adultos de ambos os sexos. Esses autores encontraram, nas previsões feitas por seus sujeitos, correlações positivas entre o nível de AFF e o prognóstico, tanto para clientes do sexo masculino quanto para os do sexo feminino. Os sujeitos utilizados por Barocas e Vance eram 15 profissionais que faziam parte da equipe de um serviço de aconselhamento psicológico, sendo 11 do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Quatro desses conselheiros tinham o nível de doutorado e os demais tinham o nível de mestrado, ou estavam próximos da conclusão do doutorado.

Os resultados encontrados no presente estudo recomendam que sejam incluídas, nos cursos de formação de profissionais que realizam atendimentos especializados destinados a deficientes, discussões sobre questões relacionadas a efeitos da AFF do cliente sobre julgamentos acerca dele e sobre relações interpessoais mantidas com ele. Isto porque os conhecimentos especializados sobre as patologias associadas a deficiências e a respectiva terapêutica podem não eliminar suscetibilidade do profissional a tais efeitos, como sugeriram os achados de Barocas e Vance (1974). Portanto, os profissionais precisam aprender a lidar adequadamente com a sua percepção, que pode estar sendo influenciada por variáveis como a atratividade física facial do usuário desse serviço especializado.

A leitura social que os profissionais fazem da deficiência pode ser influenciada por variáveis não relacionadas diretamente à condição inicialmente geradora da deficiência. Esses profissionais podem perceber o deficiente com baixa atratividade facial como tendo pouca possibilidade de obter bons resultados em atendimentos especializados. Contrariamente, o deficiente com alta atratividade facial pode ser percebido como tendo prognóstico favorável. Essa percepção diferenciada pode orientar diferentemente a ação do profissional e eventualmente produzir resultados diferentes, através do conhecido mecanismo de profecia auto-realizadora.

Se não forem levadas em conta as variáveis que estão no contexto no qual a deficiência adquire um particular significado, corre-se o risco de identificar falsos problemas e interpretar erroneamente a natureza do próprio fenômeno que está sendo estudado. A partir da constatação de que pode ser formulado prognóstico favorável mais frequentemente para os usuários de serviços especializados com AFF alta do que para os de AFF baixa, podem-se esperar, com Rosenthal e Jacobson (1968/1973), ocorrências que favoreçam o progres-

so daqueles que têm AFF alta, em decorrência de expectativas favoráveis em relação a estes. Uma análise precipitada pode levar o estudioso a concluir a existência de alguma relação entre a AFF e a capacidade de tirar proveito dos atendimentos especializados.

O estudo de institucionalização de práticas sociais dirigidas a pessoas desacreditadas socialmente (como a que ocorre na educação especial) pode trazer importantes contribuições no sentido de se evitar que se produzam conhecimentos sobre falsos problemas. Tais conhecimentos podem constituir-se em uma fundamentação (talvez validação) científica de estereótipos e preconceitos. Portanto, é indispensável o estudo das respostas de grupos sociais face aos deficientes para se compreenderem os problemas de natureza psicossocial relacionados a deficiências.

## Referências

- Amaral, L.A. (1995). *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: Robe.
- Barocas, R. & Black, H.K. (1974). Referral rate and physical attractiveness in third-grade children. *Perceptual and Motor Skills*, 39, 731-734.
- Barocas, R. & Vance, F.L. (1974). Physical appearance and personal adjustment counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 21, 96-100.
- Bartel, N.R. & Guskin, S.L. (1980). A handicap as a social phenomenon. Em W.M. Cruickshank (Org.), *Psychology of exceptional children and youth* (pp. 45-73). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Cash, T.F., Kehr, J.A., Polyson, J. & Freeman, V. (1977). Role of physical attractiveness in peer attribution of psychological disturbance. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 45, 987-993.
- Cross, J.F. & Cross, J. (1971). Age, sex, race, and the perception of facial beauty. *Developmental Psychology*, 5, 433-439.
- Erikson, K.T. (1962). Notes on the sociology of deviance. *Social Problems*, 9, 307-314.
- Hepburn, J.R. (1975). The role of audience in deviant behavior. *Sociology and Social Research*, 59, 387-405.
- Kleck, R.E., Richardson, S.A. & Ronald, L. (1974). Physical appearance cues and interpersonal attraction in children. *Child Development*, 45, 305-310.
- Omote, S. (1991a). Avaliação da atratividade física facial: delineamento de um procedimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7, 285-294.
- Omote, S. (1991b). Efeitos da atratividade física facial de crianças sobre a percepção de outras qualidades delas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7, 295-302.
- Omote, S. (1993a). Características associadas à atratividade física facial de crianças. [Resumo] Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXIII Reunião Anual de Psicologia* (p. 265). Ribeirão Preto: SBP.

- Omote, S. (1993b). As perspectivas de estudo das deficiências. *Vivência*, n. 13, 3-4. (Ver correção publicada em *Vivência*, 1993, n° 14, p. 2)
- Omote, S. (1993/1994). Atratividade física facial e percepção de deficiências. *Didática*, 29, 115-124.
- Omote, S. (1994a). Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 1 (2), 65-73.
- Omote, S. (1994b). Fidedignidade na percepção da atratividade física facial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 143-157.
- Otta, E., Petri, R., Miranda, H., Souza, R., Hotimsky, K., Valero, P., Gola, N., Rubin, D. & Silva, D. (1989). Influência de adereços na formação de primeiras impressões. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*, 1, 47-49.
- Perrett, D.I., May, K.A. & Yoshikawa, S. (1994). Facial shape and judgements of female attractiveness. *Nature*, 368, 239-242.
- Rosa, S., Santos, A., Lemos, C., Conceição, L.H., Abreu, A., Mazzio, S., Oliveira, F. & Otta, E. (1989). Reações a um estranho em função do tipo de vestimenta [Resumo]. Em Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (Org.), *Programa e Resumos, XIX Reunião Anual de Psicologia* (p. 179). Ribeirão Preto: SPRP.
- Rosenthal, R. & Jacobson, L.F. (1973). Expectativas de professores em relação a alunos pobres. Em: *A ciência social num mundo em crise* (pp. 199-205). (D.M. Leite, Trad.) São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1968).
- Santos, A., Mazzio, S., Rosa, S., Oliveira, F., Foloni, P., Lemos, C., Simone, C., Honora, K., Moura, R., Pantulo, C., Abreu, A. & Otta, E. (1989). A influência da vestimenta sobre o julgamento de qualidades subjetivas [Resumo]. *Ciência e Cultura*, 41 (Suplemento), 822-823.
- Shapiro, A.K., Struening, E., Shapiro, E. & Barten, H. (1976). Prognostic correlates of psychotherapy in psychiatric outpatients. *American Journal of Psychiatry*, 133, 802-808.
- Steffensmeier, D.J. & Terry, R.M. (1973). Deviance and respectability: An observational study of reactions to shoplifting. *Social Forces*, 51, 417-426.
- Terry, R.L. & Davis, J.S. (1976). Components of facial attractiveness. *Perceptual & Motor Skills*, 42, 918.

Recebido em 09.04.1996  
Primeira decisão editorial em 30.01.1997  
Versão final em 28.05.1997  
Aceito em 28.05.1997 ■